

O mesmo acontece com todas as nossas necessidades e paixões humanas — das quais o homem que sonhou com o reino das fadas está sempre sendo desviado por indícios de um mundo exterior ao nosso; e mesmo quando esteja morto, não poderá encontrar “conforto no túmulo”. Assim também noutro poema, as alegrias do “Burgo Feliz” onde “os ramos têm flor e fruto durante o ano todo”, onde “correm rios de cerveja ruiva e mascavada” e onde “damas, de olhos azuis como gelo, dançam em bandos” — são irreconciliáveis com a vida real: o encantado Burgo Feliz é também “a perdição do mundo”.

Nas narrativas em prosa do período inicial de Yeats, esse reino de fadas aparece, sob seu aspecto real, como vida de devaneio e imaginação — e de solidão. O narrador de “Rosa Alchemica” exila-se do mundo numa casa cujas tapeçarias, “repletas do azul e do bronze de pavões... excluem toda história e atividade que não tenham um toque de beleza e paz” e onde ele pode encontrar “em deusas e deuses de vetusto bronze... todo o deleite pagão pela vária beleza... sem seu terror do destino insonse e seu afã de muitos sacrifícios”. Outro solitário, Michael Robartes, vive no ermo litoral irlandês, numa casa a que ele chama “O Templo da Rosa Alquímica” e onde, à noite, os espíritos imortais de belos homens e mulheres do Egito e da Grécia, há muito falecidos, vêm dançar num aposento revestido de mosaicos, com uma grande rosa de mosaico no teto. Era uma das características dos escritores *fin de siècle* quererem apartar-se da vida comum e viver somente pela imaginação. Eu já disse que a batalha do Simbolismo nunca chegou a ser devidamente travada em Inglês; houve, porém, na Inglaterra, um escritor que desempenhou papel algo similar ao de Mallarmé em França. Como Mallarmé, Walter Pater era homem de grande originalidade intelectual que, vivendo tranquilamente e escrevendo pouco, teve profunda influência sobre a literatura de sua época. Mais do que qualquer outro, ele forneceu, com sua crítica literária, algo assim como um equivalente inglês da teoria simbolista dos franceses. Quando Pater afirma que a experiência nos dá, “não a verdade dos princípios eternos, estabelecidos de uma vez por todas, mas uma infinidade de finas graduações e condições sutilmente concatenadas, alterando-se intricadamente à medida que nós próprios mudamos”, está formu-

da e exultante; / E como sob aquêles céus três vêzes abençoados / Frutos de Danaan faziam luas chover / Que, ao cair, despertavam frondosas melodias: / E a êsse canto a prudência o desertava.

lando um ponto de vista exatamente similar ao dos simbolistas. Mas foi menos no campo da teoria estética que no da apreciação da vida que Pater desenvolveu esse ponto de vista. A famosa conclusão de *The Renaissance* fixava o ideal de uma geração inteira: “Encarar todas as coisas e princípios de coisas como modas e usos inconstantes tornou-se, mais e mais, a moda do pensamento moderno... A função da Filosofia, da cultura especulativa, em relação ao espírito humano, é a de despertá-lo, de instigá-lo a uma vida de constante e ardente observação. A cada momento, alguma forma alcança a perfeição ao nosso tacto ou visão; algum matiz nas montanhas ou no mar é mais primoroso que os demais; alguma espécie de paixão ou vislumbre ou estímulo intelectual nos é irresistivelmente real e atrativa — apenas naquele momento. O fim não é o fruto da experiência, mas a própria experiência. É-nos dado somente um número contado de palpitações de uma vida variegada, dramática. Como poderemos ver nelas tudo quanto existe para nelas ser visto pelos sentidos mais apurados?” “Nós nos voltávamos conscientemente para Pater em busca de nossa filosofia”, escreveu Yeats de si mesmo e de seus amigos; e a casa alcatifada, o Templo Alquímico, haviam sido inventados como habitações ideais para que essa filosofia pudesse ser posta em prática — tal como o próprio reino das fadas de Yeats fora apenas um dos domínios imaginários da mente *fin de siècle*.

Entretanto, assim como a poesia mais antiga de Yeats apresenta o fascínio do reino das fadas como algo hostil à vida no mundo real, assim também essas histórias de uma vida de devaneio extático, diferentemente dos escritos típicos dos estetas *fin de siècle*, são permeadas por uma consciência dos perigos e tentações inevitavelmente implícitos em semelhante vida. Em Yeats, encontramos o esteticismo de Pater levado às últimas conseqüências. Qual a conseqüência de viver para a beleza, conforme era a beleza compreendida então; de cultivar a imaginação, o gozo de sensações estéticas, como um fim supremo em si mesmo? Perderemos fatalmente o sentido da realidade — incorreremos em penalidades que não devem ser encaradas descuidosamente. Há, no caso, um conflito ao qual se não pode fugir; e Yeats, mesmo no seu período mais antigo, está a todo momento cômico desse conflito. Não obstante, prefere habitar, a maior parte do tempo, no reino das fadas ou entre as dançarinas do Templo Alquímico. Ele transportaria mesmo seu amor humano, seu desejo humano, para o clima desse mundo imortal, onde nada de feio pode ressoar e onde nada de belo se estiola: